

A transmissão da violência¹

The violence transmission

Angela Piva e colaboradores²

Resumo: O presente artigo faz um recorrido teórico de conceitos fundamentais da psicanálise dos vínculos, que sustenta a noção do sujeito como elo de uma cadeia genealógica e herdeiro de complexos experienciais ancestrais. A transmissão transgeracional como elemento universal constitui-se como uma obrigação de trabalho psíquico, que se dá através de processos de ligação e elaboração, e também como ausência de representação.

Abstract: This article makes a theoretical appeal of basic concepts on the linking psychoanalysis, which supports the notion of the citizen as a bond of a genealogical and inheriting chain of ancestral experiences complexes. The transgenerational transmission as universal element consists on an obligation of psychic work that is originated through processes of linking and elaboration and also, lack of representation.

Palavras-chave: Violência. Transmissão Transgeracional. Transgeracionalidade. Psicanálise dos Vínculos.

Keywords: Violence. Transgenerational Transmission. Transgenerationality. Linking Psychoanalysis.

¹ Tema livre apresentado na VIII Jornada Bianual do Contemporâneo: “A Fragilidade do Símbolo: aspectos sociais, subjetivos e clínicos”. Porto Alegre, agosto de 2008.

² Psicóloga, Psicanalista. Colaboradoras: Camila Luz, Camila Costa, Daniela D’Incao, Kelly Linhares, Maria Graça Fortes – Psicólogas, alunas em formação do Curso de Especialização do CIPT. Endereço para correspondência: angelapiva@terra.com.br

Considerações iniciais

Muito se tem pesquisado e escrito sobre as conseqüências psíquicas e, atualmente, neurobiológicas da violência o psiquismo de crianças e adolescentes. A nossa proposta nesse trabalho é revisar e refletir sobre a perspectiva da transmissão transgeracional da violência, tendo em vista que em nossa prática clínica nos deparamos com um ciclo de violência que se repete nas mais variadas formas de geração à geração.

A temática da transmissão se coloca como uma possibilidade de compreensão do sujeito como herdeiro de múltiplas experiências ancestrais, que tanto enriquecem quanto podem torná-lo prisioneiro de uma história que não é a sua. Nesse sentido, vale enfatizar que a transmissão é um processo universal e co-formador de subjetividade. A transmissão nunca é passiva: existe sempre um processo ativo. Ela deixa sua marca no sujeito através de complexas operações de reinscrição e transformação, que serão sempre únicas, singulares.

Este processo permite que cada geração possa situar-se em relação às outras, bem como, inscrever cada sujeito como pertencente a um grupo, dono de uma história e de um lugar. Num outro extremo, quando o herdado é apenas acatado, sem elaboração, estamos no território da compulsão à repetição. O herdado adquire então o status de um destino a cumprir (PIVA, 2006).

Este destino a cumprir é justamente o que tem nos chamado à atenção nas diversas situações com as quais temos nos deparado em nosso programa de intervenção em violência familiar. Sabemos que o abuso e o incesto vem acompanhado de uma modalidade de funcionamento ligado ao segredo, onde a proibição se desloca, da interdição incestuosa para a interdição do falar e do pensar.

Caso Ane

Ane é uma menina de sete anos que nasceu de uma relação sem compromisso. Na mesma época a mãe contraiu HIV. Miriam, a mãe, diz ter negativado a sorologia de sua filha.

Miriam chega ao DECA, em outubro de 2007, para denunciar um amigo íntimo da família, que o casal conheceu na Igreja, por ter abusado da Ane e conta como foi a situação:

“Era umas duas horas da manhã quando eu estava fazendo um cartaz pra Igreja, enquanto meu marido estava dormindo. Dali um pouco, terminei o cartaz e me deitei. Foi quando comecei a ter umas sensações estranhas que algo ruim pudesse acontecer. Orei muito pra tentar dormir. Foi muito difícil pegar no sono e resolvi espiar na sala o Elvis que estava dormindo do lado da Ane num colchão de casal. Quando olhei o cara tava ajoelhado na frente da minha filha se tocando e vi que ele tava mexendo nela também, porque via mão dele se mexendo por baixo das cobertas. Levei um susto com aquilo e fui lá, dei uma tapa nas pernas dele até que ele caiu pra traz. Não disse nada e voltei pro meu quarto. Daí o Elvis se deitou nos pés da Ane e de manhã bem cedo, ele acordou e foi embora não dando tchau pra ninguém e depois sumiu da Igreja também” (sic).

A menina permaneceu dormindo e nunca foi falado nada sobre o que aconteceu naquela noite. A vivência de Ane fica guardada a sete chaves, como se não tivesse “acordado”. Tanto a mãe quanto à filha voltam a dormir com o acusado dentro de casa, no mesmo colchão da vítima.

Da mesma forma que Miriam volta a dormir sem falar nada com a menina é que ela tenta descrever a situação da filha. Neste caso, não foi apenas o suspeito abusador que desapareceu. A mãe de Ane sumiu junto com a filha, impossibilitando o contato para o retorno da avaliação pelas vias legais, marcando assim grandes chances de que siga ocorrendo situações abusivas nesta família.

A mãe da vítima fala que não tem certeza se acontecia algo ou fantasiava alguma situação abusiva em sua família quando era criança. Diz que poderia ter vivido algo e apagado de sua memória.

Conforme Miriam, o acusado é muito amigo do seu marido Ricardo e assumiu para ele a responsabilidade do acontecido e ainda desabafou que em sua infância era abusado sexualmente e mal tratado fisicamente pelo seu pai.

A desmentida desfila na nossa frente, enquanto Ane fica a mercê de mais abusos, nós vítimas de impotência, aguardamos providências através de intimações policiais na delegacia. Os modelos de relação seguem, passando de geração a geração. Somente oferecendo a esta família uma nova forma de “estar juntos” é que se tem esperança de cortar esse ciclo vicioso e proteger mais um inocente que permanece como uma presa fácil para o perverso.

Caso Mateus

A mãe do Mateus, Juliana, levou o menino para atendimento, porque ele não lhe obedece e chora sem motivo aparente. Sobre a história de Mateus, ela começa contando que, quando estava com 19 anos de idade, foi a uma festa, lá conheceu o pai de seu filho; na mesma noite, foi para a casa dele e permaneceu por cinco dias. Só voltou para casa porque ouviu na rádio Farrroupilha que sua mãe a estava procurando. Quando chegou em casa, sua mãe lhe bateu de pau, ela comenta: *“fiquei toda roxa aqui nas costas, então eu voltei para a casa dele”*(sic). Juliana ficou mais uma semana morando com o pai de Mateus, mas disse que sentia muita falta de sua mãe, então voltou para casa. Depois disso, ficou sabendo que estava grávida.

Quando Mateus nasceu, Juliana disse que passou por depressão pós-parto, que não queria dar o peito para ele: *“Minha mãe insistia, mas eu estava com nojo porque eu estava horrível de corpo, meus peitos enormes e eu tinha nojo de dar o peito [...] minha mãe comprou a maquininha, eu tirava e jogava o leite fora, não dava para ele, não queria que ele tivesse meu leite”* (sic).

Juliana refere que Mateus foi criado pela avó, mas ela faleceu há três anos, aos 57 anos de idade, com câncer no estômago. Segue alguns relatos da mãe do paciente, ela inicia contando que não levou seu filho no enterro da avó: *“Ele me xinga, mas não teve velório, foi uma roda de oração, só teve uma oração e enterraram [...] ele não me chama de mãe, me chama de Juliana, a mãe dele era a minha mãe [...] antes de morrer, minha mãe pediu que eu não batesse nele, mas eu não consigo, ele me deixa nervosa e eu bato [...] não estou fazendo o que ela pediu [...] minha mãe me batia quando eu era pequena, tenho até uma marca aqui no pé de uma faca que ela jogou [...] quando minha mãe morreu, eu tentei me matar, tomei uns remédios, mas meu irmão disse que eu deveria pensar nos meus filhos, este aqui eu amo muito, o Mateus não, ele não tem modos [...] Mateus odeia o irmão, esses dias ele estava com uma faca na cabeça do irmão, dizendo que ia matá-lo, então eu disse que eu é que ia matá-lo [...] um dia fui à escola para ver o que tinha acontecido, ele tinha dado em um colega, chegou a fazer um corte na testa [...] cheguei em casa e bati tanto, bati com pau na cabeça, que chegou a sangrar [...] um dia a professora ligou dizendo que Mateus tinha ido só de bermuda ao colégio, sendo que estava muito frio, eu não vejo ele levantar porque eu perco o sono, vou dormir umas quatro horas da manhã ”* (sic).

Sobre seu pai, Juliana diz que sua mãe lhe dizia que ele tinha falecido. Ela comenta: *“Daí quando eu estava com dez anos de idade, ela resolveu apresentar o pai, ele me estuprou quando eu tinha quatorze anos de idade, antes disso ele só passava a mão ”* (sic).

A idéia que mais se aproxima do termo “violência” no vocabulário analítico usual, é a do trauma. A violência e trauma constituem os dois lados de uma mesma moeda. Do lado da violência aparece o poder, a dominação, o abuso, o sadismo e a ausência de ética; do outro lado está a vítima, a submissão, o masoquismo, o despreparo do ego para defender-se, o desamparo psíquico e a dor que tende a descarregar-se com o princípio de inércia, e a repetir-se a partir da revitimização. Nesse contexto familiar predomina a violência, a negligência e a repetição. Podemos afirmar que todos nós somos portadores de uma herança genealógica. Em todas as etapas da vida, impõe-se a questão de como gerenciar essa questão e sua pertinência a uma filiação. O espaço, por excelência, desse processo é o grupo familiar onde se articulam diversos mecanismos de identificação, lugar de circulação da transmissão psíquica (CORREA, 2000; COSTA, 2003; FRUETT, 2007).

O caso do menino Mateus se resumiu em entrevistas iniciais, foi comunicado ao Conselho Tutelar, mas não foi isso que trouxe a mãe de volta. O que pensar do futuro desse menino frente a tanta violência e descaso? A quem maltrata quando maltratam a uma criança? Em relação a essa pergunta, Janin (2002) responde: geralmente ao insuportável de si mesmo, àquilo que quiseram destruir em si mesmo e retorna ao outro. Essa história familiar implica violência por parte da avó e avô do menino, com certeza essa mãe também é uma vítima da violência, não tem possibilidade de elaborá-la e pensar sobre sua vida. A atitudes dessa mãe viabiliza refletir sobre a questão do pulsional, que implica o acúmulo de tensões internas que se descarregam na motricidade, por não haverem conquistado uma outra via de tramitação simbólica. É a forma mais primitiva de funcionamento mental, denunciando a defusão entre a pulsão de morte expressa por meio da crueldade e do sadismo e a pulsão de vida, que busca enlaçar os processos mentais de modo construtivo, amoroso e empático. Quando predomina a destrutividade, é possível pensar em uma predisposição constitucional à intolerância para lidar com as tensões e as frustrações (FRUETT, 2007).

Juliana disse que, num determinado dia, foi à casa de sua comadre com seus filhos e lá roubou quarenta reais. A comadre telefonou e comentou que sentira falta do dinheiro após a visita, então Juliana pediu que Mateus assumisse o roubo e ele assumiu. Depois disso, nunca mais a madrinha o visitou, nem eles foram visitá-la.

O ser humano é o único ser vivo que mente, logo torna difícil para a criança a adaptação a essa parte do seu meio ambiente. Muitas vezes, por amor a essas pessoas, deve adaptar-se a esse novo e difícil código. Dessa forma, as idéias e os ideais ao redor da criança,

a abrigam-na também a mentir, no entanto “é uma infelicidade para a criança ser iludida ou enganada demais” (FERENCZI, 1928, p.10).

A queixa inicial da mãe de que o menino chora “sem motivo aparente” demonstra sua recusa frente ao sofrimento de seu filho (irmão). O menino provavelmente não elaborou o luto da avó. Além de Juliana ser negligente, bater no filho de pau, ela refere sua preferência pelo caçula, pois é apaixonada pelo pai do menino que é um homem casado.

“A força salvadora mais importante [...] é a presença na infância de uma outra pessoa amorosa que possa ficar no lugar do mau progenitor: uma babá, uma avó, uma tia” (SHENGOLD, 1999, p.19). Mateus perdeu cedo sua avó e parece que não tem a quem pedir socorro, mas essa avó deve ter deixado marcas positivas no menino, pois ele vai para a escola por conta própria e também vai a uma instituição onde há atividades para crianças e adolescentes. É um menino que está em busca de algo melhor, que ficar em casa ou mesmo na rua.

“Os seres humanos são misteriosamente cheios de recursos, e alguns sobrevivem a tais infâncias” (SHENGOLD, 1999, p.19). Realmente, frente a tanta violência, maus-tratos, desamparo, e, além disso, sem tratamento psicológico, é preocupante a situação em que Mateus vive (sobrevive).

Caso Mel

Mel tem 11 anos. É uma menina muito bonita e sedutora. É inteligente e seu comportamento oscila entre uma maturidade acima do esperado para sua idade cronológica e uma imaturidade compatível a uma criança bem menor. Ela é bastante sexualizada e maliciosa para a idade, porém tenta encobrir este comportamento fingindo ingenuidade. Nestes momentos torna-se muito infantil.

Mel é filha de um relacionamento casual de sua mãe, Sol, com um homem bem mais velho. Ele mora em outro Estado e viu a filha três vezes não assumindo a responsabilidade paterna. Não envia pensão, não telefona e as duas vivem sozinhas em uma quitinete. Sol tem um ego bastante fragilizado e sua infância foi bastante traumática. O relacionamento das duas é fusionado e ambivalente. A mãe refere em várias ocasiões: “*Nós somos tão parecidas que às vezes nem se sabe quem é a mãe e quem é a filha.*” “*Muitas vezes brincamos que somos irmãs gêmeas.*” “*Somos só nós duas, por isso temos que ser muito unidas*” “*Temos o mesmo problema intestinal*”(sic). Elas compartilham a mesma cama e Sol fica muito desamparada,

quando Mel faz algum movimento no sentido de diferenciar-se um pouco. Além disso, embora o tratamento de Mel seja individual, as duas sempre estão presentes na sessão. É recorrente a terapeuta inverter o nome das duas. Sol manda recados relativos as suas ansiedades para a terapeuta e Mel conta tudo o que ocorreu na sessão para a mãe. Mel costuma dizer: *“Quando a minha mãe tinha a outra terapeuta eu queria me tratar com ela e não com a minha. Agora que estou contigo, a minha mãe quer se tratar contigo (risos)”*. (sic)

Se a família não consegue metabolizar experiências demasiadamente violentas, transformando-as em emoções, essas permanecem no registro da excitação, do quantitativo. Podemos dizer, também, que a defesa contra essas experiências de transbordamento consiste em não elaborá-las para permanecer na indiferenciação e manter assim, no atual, a concretização do de um vínculo aditivo. Neste sentido, a família fica presa no paradoxo de ter que elaborar um excesso do qual se protege através da preservação de um vínculo tipo adesivo.

Em uma entrevista, Sol conta um pouco da sua infância. Sua mãe era prostituta e a abandonou na casa da avó materna, quando ainda era bebê. Teve pouco contato tanto com a mãe, como com o pai. A avó, por quem foi criada, era pouco afetiva e faleceu quando ela tinha oito anos. A partir daí passou a ser cuidada por uma tia avó, que também era uma mulher fria e distante.

Apesar de ter nível superior completo, Sol não consegue emprego fixo e assume relacionamentos amorosos para conseguir prover as despesas familiares ou vive de favores dos amigos. Entretanto, Mel se veste como se fosse uma menina de classe média alta, freqüenta festas e viagens da escola.

Ela veio a tratamento trazida pela mãe que relatou sentir-se impotente para educar a menina, visto que esta a desafia o tempo todo e exige coisas que ela não pode dar. Segundo Sol, as dificuldades no relacionamento das duas iniciaram quando a menina foi abusada sexualmente aos seis anos de idade. Ela sente-se muito culpada, pois o abuso ocorreu com o filho de 15 anos de uma amiga, que ficou em casa cuidando da menina enquanto as duas foram divertir-se à noite. Ela ficou preocupada e resolveram voltar mais cedo, quando encontraram os dois fechados no quarto. Ele havia feito sexo anal com a menina, Sol ficou desesperada e denunciou o menino a justiça.

A história e a morte da alma se repetem. *“Guria, naquela hora, quando eu vi o que tinha acontecido com a minha filha, caiu a ficha. Caíram todas as fichas. Eu nem lembrava. Doeu muito. Eu fui abusada pelo meu avô. E veio a cena muito clara na minha cabeça... acho*

que eu tinha uns três anos. Eu lembro até da sainha que eu estava usando e ele fazendo sexo oral em mim. Agora, quando eu olho para a minha filha vem àquela cena na cabeça e acho que é como se eu estivesse sendo abusada novamente. Então eu me sinto muito culpada... culpada por não dar um pai decente para minha filha... culpada por não imaginar que um guri de 15 anos poderia ser um abusador... para mim abusador era velho, como os que abusaram de mim, meu avô e meu tio-avô...” (sic).

O conceito de objeto transgeracional (EIGUER, 1998) dá conta de um antepassado, um avô, ou outro parente direto ou colateral de gerações anteriores que suscita fantasias, gera identificações e intervém na constituição de instâncias psíquicas em um ou vários membros da família. O ancestral aparece como um outro do pai, como um pai simbólico que transmite os mitos de origem que estruturam a família. É o portador do amor que professam a mãe e o pai. Infiltra de afeto o recinto familiar, os projetos, o sentimento de pertencença. Assim o desejo do filho se define com relação a este desejo ancestral. O autor fala de diferentes tipos de ancestrais, tendo detectado quatro:

- Objeto fantasma (*Objet-fantôme*).
- Objeto ancestral impostor e não necessariamente escamoteada (o avô e o tio avô de Sol)
- Objeto do ancestral idealizado
- Objeto edípico sobre investido por um dos pais.

Neste caso, o rapaz de quinze anos se personifica como o ancestral renegado que retorna e faz nova vítima. O ciclo de violência assim se perpetua...

Caso Carolina

Carolina é uma menina de cinco anos muito bonita. Foi acolhida na delegacia de vítimas para que fosse feita uma avaliação psicológica, já que havia uma denúncia de abuso sexual feita por sua avó, Lais, que envolvia como acusados o padrasto Carlos e sua mãe, Lia.

Na família de Carolina há a presença transgeracional do abuso e a negligência. Laís (sua avó) foi abusada dos quatro aos dezessete anos por dois irmãos mais velhos, saindo de casa e casando-se como forma de dar um fim aos abusos. Casou-se com um homem rude alcoolista e agressivo, com quem teve três filhos, sendo Lia a mais velha. Separou-se do marido e foi morar com seus filhos em uma casa no terreno contíguo ao de sua mãe, que morava com o seu irmão caçula.

Lia, por sua vez, foi abusada pelo tio mais novo durante dez anos. Alimenta muito ressentimento por Laís, por não ter dado atenção às suas queixas, e esta última por sua vez, com muita raiva da filha, agora, defende-se dizendo que “*se aconteceu o abuso, foi porque ela quis*”(SIC) e que Lia está permitindo que Carolina seja abusada por Carlos.

Lia teve uma adolescência difícil, promíscua e com uso intensivo de drogas pesadas, acabou tornando-se prostituta. Carolina é fruto do seu envolvimento com um cliente, que assumiu a menina, porém não tem maior participação em sua vida.

O fato de Carolina ter sido abusada sexualmente pelo padrasto ou não, não foi comprovado, muito embora não seja descartada esta possibilidade, mas fica evidente o abuso emocional e o intenso sofrimento da pequena diante das brigas e disputas de poder envolvendo a mãe e a avó e a profunda negligência de ambas para com o provimento de um ambiente saudável, tranquilo e continente para as angústias e sofrimento da menina, que além de ter a guarda disputada, presenciava discussões com alto grau de agressividade, as quais tenta fugir constantemente chamando mãe e avó para brincar com ela ou então tapando os ouvidos.

Uma dinâmica como essa provoca muitos questionamentos. A quem, realmente, Laís está tentando defender? Parece que Carolina representa a possibilidade de sua própria redenção, enquanto Lia fica no lugar de fiel depositária do sofrimento que envolve o abuso, sendo este aspecto corroborado pelo intenso ódio presente no vínculo das duas.

O trauma sexual caracteriza-se por tratar de um dos traumas mais severos, visto que afeta a vítima na totalidade das relações interpessoais com suas figuras de apego, na medida em que tantos adultos fracassam em garantir a confiança e adequada proteção, e se transformam, muitas vezes, nos primeiros transgressores de uma das regras básicas do parentesco: a proibição do incesto. Ademais, a gravidade é aumentada pelo caráter multifacetado do abuso – sexual, negligência e maus tratos (BLEICHMAR, 2005). Podemos pensar igualmente que é uma negligência, uma falha por parte da família na transmissão da lei da cultura, da proibição do incesto (PIVA, 2008).

Quando as crianças são abusadas agressivamente ou sexualmente pelos pais, a violação do corpo corresponde a uma violação traumática da sua mente. Sob este aspecto, prevalece um paradoxo de que os pais, em sua insanidade, parecem necessitar apropriar-se da vida do filho, como forma imaginária de resgatar sua própria vida e adquirir uma ilusão de sobrevivência psíquica. Este tipo de violação se transforma numa herança psíquica que se transmite de uma geração a outra (PIVA, 2001).

Caso Ana Clara

Ana Clara chegou para tratamento com queixa de haver sofrido abuso sexual por parte do tio materno e estar apresentando uma conduta, segundo a mãe, Tânia, desorganizada e opositora.

Em entrevista individual, Tânia conta que teve uma infância complicada. Sua mãe faleceu em decorrência de um câncer quando era ainda jovem e, sendo a única mulher de sete irmãos, seu pai considerou que ela seria melhor cuidada pela avó e por duas tias maternas “solteironas”(sic). Ela não sabe afirmar ao certo a razão para tal atitude, mas afirma que sofreu muito por ter que ficar afastada do pai e dos irmãos, assim como sofria muito nas mãos das tias que a obrigavam a fazer as tarefas domésticas e não lhe davam carinho. Aos dezessete anos Tânia foi para o Espírito Santo morar com um dos irmãos, e foi lá que conheceu Mario, pai de Ana Clara. Casaram-se e Tânia engravidou em num período em que tinham problemas financeiros e o casamento ia mal. Mario era usuário de drogas pesadas, o casal brigava muito e ele muitas vezes agredia Tânia fisicamente.

Ana Clara nasceu e os problemas se agravaram. Mario se drogava e bebia cada vez mais, embora Tânia ressalte que sempre foi afetivo e muito cuidadoso com as meninas. Passaram-se mais ou menos três anos até ela decidir vir embora para Porto Alegre, junto de sua família.

O abuso sexual sofrido por Ana Clara ocorreu quando o tio materno mais velho foi viver na casa das mesmas após a sua separação. Era um domingo a tarde, Tânia trabalhava num plantão, e estavam em casa Ana Clara, Luciane, que é uma moça que mora com elas. Depois do almoço Luciane foi ter uma sesta e Ana Clara ficou na sala com o tio, que via TV. Algum tempo depois Ana Clara foi acordar a cuidadora e relatou que o tio havia tirado sua calça e a calcinha e tinha lambido sua “pereca”(sic). Quando Tânia chegou do trabalho Luciane contou o ocorrido, ela conversou com Ana Clara, que confirmou e expulsou o irmão de casa, porém, mesmo acreditando na filha, também tem dificuldades de creditar que o irmão realmente tenha feito isso. Não foi feita nenhuma queixa legal e Tânia e Ana Clara combinaram que aquele será o “segredo delas”(sic).

Há um constante clima de mistério nos relatos de Tânia, há muitas situações confusas que ela não se propõe a conversar, especialmente referente ao abuso de Ana Clara. O clima

entre as duas é tenso e a mãe tem dificuldades de lidar com a filha, de aproximar-se e fazer carinho. Com o passar do tratamento Tânia conseguiu verbalizar o ocorrido para um de seus irmãos, o que mora no Espírito Santo, que confirmou haver já acontecido algo de abuso na família, porém esta não conseguiu entrar em maiores detalhes. O abuso escancarado de Ana Clara lança luz sobre segredos ainda obscuros de sua família materna que tem uma história permeada de “buracos” e “fantasmas”, que assombra-as frente a uma possível revelação e desperta sentimentos paradoxais no vínculo familiar.

Considerações Finais

Após examinarmos o material exposto, podemos perceber que as crianças portadoras de fantasmas, além de ter sofrido o abuso, sofrem a transmissão traumática pelo não processado.

A falta de circulação das vivências em um universo simbólico entre gerações é que impossibilita que o sujeito se constitua na trama familiar, tanto na geração que o precede, como na que o sucede. Desta forma, vivências traumáticas que são da ordem do indizível, do impensável, geram na criança zonas de vazios representacionais, dificultando sua capacidade de pensar e de metabolizar o trauma. Cria-se, então, um círculo de repetições, pois as organizações psíquicas se constituem ignorando a lei que regula os vínculos imediatos.

Frente a esta dinâmica, o terapeuta se depara com o “horror do incesto”, sendo necessário sobreviver a esta realidade para não compactuar com o contexto perverso do segredo.

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, S. **Manual de Psicoterapia de la Relación Padres y Hijos**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

CORREA, O. B. R. (org.). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.

EIGUER, A. **O parentesco fantástico** – transferência e contratransferência em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

FERENCZI, S. **Obras Completas**. vol.I São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NUSSBAUM, S. Un chico golpeado, un chico golpeador: una reflexión acerca del odio, el sadismo y la destrucción de sentido en los fenómenos transgeneracionales a propósito de la supervisión del análisis de un chico golpeado y una carta de su padre. **Psicoanálisis APdeBA**, v. XXII, n.2. 2000.

PIVA, A.B. **A lógica paradoxal**. In: Graña, R.B.; Piva, A.B. (org). *Atualidade da Psicanálise de Crianças e Perspectivas para um Novo Século*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PIVA, A.B. **A Transmissão Transgeracional e a Clínica Vincular**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.